

## **TSEDEKÁ - JUSTIÇAR!** *Generosidade na comunidade de Filipos*

*TSEDAKÁ - Making justice!*  
*Generosity in the Philippi community*

### **Resumo**

Paulo, como um judeu piedoso e discípulo dos mestres do judaísmo de seu tempo muito possivelmente ensinou as comunidades cristãs fundadas por ele a procederem, em relação à beneficência e generosidade, conforme os princípios aprendidos do judaísmo desde tempos muito antigos. Neste artigo destacamos alguns aspectos da sabedoria judaica sobre a forma de lidar com os recursos materiais que são vistas na forma como os filipenses enviaram suas ofertas ao apóstolo durante seu tempo na prisão. A abordagem é processo-relacional e traz diferentes metodologias exegéticas e interpretativas em diálogo.

**Palavras-chave:** Justiça. Generosidade. Sustentabilidade. Pobreza. Riqueza.

### **Abstract**

Paul, as a pious Jew and disciple of the teachers of Judaism of his time, very possibly taught the Christian communities founded by him to proceed in relation to beneficence and generosity according to the philosophical principles of Judaism from very ancient times. In this article, we highlight some aspects of Jewish wisdom on how to handle material resources that are seen in the way the Philippians sent their offerings to the apostle during his time in prison. The approach is process-relational and brings different exegetical and interpretative methodologies in dialogue.

**Keywords:** Justice. Generosity. Sustainability. Poverty. Wealth.

## **TSEDAKÁ – “JUSTIÇAR!”**

### **Introdução**

Num artigo para a revista *Estudos Bíblicos* (Marianno, 2009), intitulado: “Tudo posso” ... será? Masculinidade, (im)potência e dependência em Fl, desenvolvi uma abordagem de gênero que evidenciou o ponto de inflexão em Fl

---

<sup>1</sup> Doctora en Epistemología por la Universidad Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Maestra en Ciencias de la Religión por la Universidad Metodista de São Paulo (UMESP); Maestra en Teología Bíblica por el Seminario Teológico Bautista de Sul de Brasil (STBSB)

4,13 entre um Paulo, geralmente estigmatizado como uma espécie de “herói” da tradição cristã e o homem fragilizado, debilitado e aprisionado que escreveu a carta à comunidade cristã da cidade de Filipos.

Vários autores nesta edição já se debruçaram sobre a estrutura discursiva da epístola, camadas de textos com diferentes datações e o contexto sócio-histórico, o papel de Paulo como prisioneiro político, gênero, conflitos, entre outros. Neste artigo colocarei a ênfase sobre a sustentabilidade com ênfase na economia solidária e sobre o modo como o sistema sagrado de trocas (*gesheft*) descrito pela interpretação rabínica promove o sustento no mundo (Bonder, 2010).

Paulo, como um judeu piedoso e discípulo de mestres do judaísmo do seu tempo, como Gamaliel, mencionado por ele, muito possivelmente possuía vários destes valores embutidos na sua educação judaica, pois o modo como ele dialoga a respeito da beneficência feita pelos filipenses e também o modo como recolheu ofertas das igrejas para ajudar a igreja em Jerusalém sugere presença de valores que orientam o judaísmo no mundo dos negócios e das finanças até os dias de hoje. Tais elementos da sabedoria judaica sobre a geração de riquezas estão presentes nas relações entre a comunidade de Filipos e o apóstolo.

Esta abordagem segue a hermenêutica processo-relacional que se apoia na epistemologia do organismo ou do processo. Ela traz diferentes metodologias exegéticas e as coloca em diálogo no processo interpretativo. Funde a crítica sócio-histórica com a profundidade semiótica da interpretação rabínica e cabalística a respeito do papel sagrado do dinheiro e dos recursos, como meios de produzir riquezas, diminuir a pobreza, combater a miséria, aumentar o nível de vida do cosmos e corrigir o mundo - *tikun olam*. A inspiração para esta aproximação veio da leitura crítica do livro: *A Cabala do dinheiro*, do rabino Nilton Bonder (2010).

### **Miséria: uma tragédia para a humanidade**

Muitas vezes pensamos na pobreza como uma condição que define a miséria. Mas a pobreza é, de fato, apenas uma faceta da miséria, que por sua vez, se expressa na escassez de recursos num universo bem mais amplo, que transcende o mundo da moeda ou do sustento material. Abarca também o mundo intelectual ou cognitivo, o mundo emocional e afetivo e o mundo espiritual.

A enfermidade prolongada e terminal é uma forma de miséria, pois ela drena o corpo de uma pessoa e o universo físico que a circunda. Impõe o abandono da casa com a internação, confinamento com maior ou menor grau de isolamento, conforme a proporção da doença, drena os recursos financeiros com cuidados médicos, as energias emocionais e relacionais dos familiares que, angustiados, se revezam no acompanhamento hospitalar e nos cuidados domésticos, sacrificando seus trabalhos e os filhos, que muitas vezes precisam ficar sob cuidados de terceiros e sem a presença de seus cuidadores. Isso tudo acaba

produzindo uma espécie de deformação na qualidade dos relacionamentos, provocando miséria também no campo dos sentimentos e das emoções.

Experimentam profunda miséria as pessoas que perdem tudo, seja pelos estragos materiais, temporais, afetivos e espirituais causados por guerras e sequestros (como os sequestrados e encarcerados pelos regimes militares na América Latina na segunda metade do século passado, que nunca mais voltaram para suas famílias), seja por migração forçada, obrigando os sobreviventes a viverem em campos de refugiados em condições desumanizantes que aniquilam suas identidades, suas profissões como vem acontecendo com refugiados dos conflitos armados em várias partes do mundo. Refugiados e sequestrados como os sírios, sudaneses, ucranianos, palestinos e sequestrados israelenses, entre outras vítimas das sete grandes guerras em curso no mundo neste exato momento, enquanto escrevo este texto, são pessoas que perderam tudo de uma vez: parentes chegados, parentes distantes, casas, bairros, cidades, empregos, e são forçados a recomeçar a vida noutro país, muitas vezes apenas com a roupa do corpo, como vendedores ambulantes e o conhecimento construído apenas guardado na mente. Os que estão prisioneiros são torturados, mutilados e assassinados e os que estão em liberdade podem perdê-la a qualquer momento. Os inocentes que morrem neste processo também deixam o rastro de miséria na vida de quem ficou vivo e terá que conviver com a ausência provocada pela perda prematura de seus entes queridos.

Por séculos a civilização ocidental, em especial os cristãos, se recusaram a aprender sobre o combate à miséria e a economia solidária propostos nos textos bíblicos do Primeiro Testamento e interpretados pelos sábios do judaísmo na Mishnah, no Talmud, no Midrash, na Halakhah e na Kabbalah e que delineiam a ética no judaísmo até os dias de hoje. Ao contrário, muitos de nós, quando aderimos cegamente à versão fantasiosa de que todo judeu é rico (mote de várias propagandas antisemitas ao longo dos séculos), criticamos e rotulamos os judeus como banqueiros avaros e sovins, e, em concordância com o estigma shakespeariano eternizado em *O mercador de Veneza* fizemos vista grossa para a fantástica resiliência e sabedoria financeira que os judeus desenvolveram com as tragédias que lhes aconteceram inúmeras vezes em mais de dois mil anos vivendo na diáspora.

No primeiro século, o apóstolo Paulo foi um desses, um judeu da diáspora. Experimentou pobreza, riqueza, acolhimento e banimento em muitas situações. Sua própria peregrinação tipifica as peregrinações judaicas ao longo da história por mais de dois mil anos na Era Comum. O que podemos aprender sobre redução da pobreza e combate à miséria com a sabedoria judaica inerente à biografia do apóstolo e no modo como os filipenses cuidaram de suas necessidades da prisão?

## A prisão como produtora de miséria

Aqui parto do pressuposto que a epístola de Filipenses é um dos escritos autenticamente paulinos, que não possui homogeneidade literária e é, possivelmente, uma compilação de outras cartas escritas pelo apóstolo em diferentes momentos e contextos.

Vários pesquisadores defendem que Paulo estava numa prisão em Roma quando redigiu a carta aos Filipenses (Culmann, 2008). Estes autores não encontram plausibilidade numa suposta prisão em Éfeso porque não se sabe de nenhum cativo de Paulo em Éfeso. Mas talvez a maior plausibilidade seja a de que ele tenha ficado preso em Éfeso por algum tempo, no inverno dos anos 54-55 EC. Viajar de Filipos a Éfeso com a ajuda de recursos ao apóstolo era significativamente mais simples e mais ágil, do que enviar ofertas a Roma.

Enquanto estava preso, Paulo recebeu de Filipos um presente em dinheiro, pelo que ele enviou um recibo a essa igreja (Fp. 4,10-20). O portador desse presente foi Epafrodito (Fp. 2,25; 4,18). Antes que Paulo escrevesse a carta seguinte, os filipenses já haviam ouvido dizer que Epafrodito ficara doente enquanto estava com Paulo (2,26). Paulo queria então enviar Timóteo a Filipos logo que fosse possível (2,19) e, caso recebesse uma sentença favorável, queria ir a Filipos pessoalmente num futuro próximo (1,26; 2,24) (Koester, 2010, p. 145).

Filipos foi a primeira cidade europeia onde uma comunidade cristã foi fundada por Paulo, isso em sua segunda viagem missionária (At 16,8-40), “Depois de ter perdido a comunidade-mãe de Antioquia, Filipos passou a ser a base da missão de Paulo na Europa (4,15) (Kümmell, 2004; Theissen, 2007, p. 53), talvez por isso, Paulo aceitou desta comunidade ajudas e dádivas pessoais, algo que parecia ser contra seus princípios (Culmann, 2008). O trecho da carta que mais nos interessa encontra-se na última parte do capítulo 4 de Fp. Trata-se da manifestação da gratidão pela ajuda recebida dos filipenses ou o “recibo” das ofertas. O trecho diz o seguinte:

Grande foi minha alegria no Senhor porque afinal vi florescer vosso afeto por mim. Na verdade, estava sempre vivo, mas faltava-lhe oportunidade de manifestar-se. Não é por estar passando necessidade que o digo, pois aprendi a contentar-me em qualquer situação. Sei passar privações e sei viver em abundância. Estou acostumado a tudo: ter fartura, como sofrer fome, ter de sobra e passar penúria. Tudo posso naquele que me conforta. Todavia fizestes bem em tomar parte na minha aflição. Vós bem sabeis, filipenses, que no começo da pregação do evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma igreja senão a vossa combinou comigo o dar e o receber. Já por duas vezes mandastes para Tessalônica o que me era necessário. Não é que eu procure dádivas. Procuo o fruto que enriqueça a vossa conta. Recebi tudo, vivo na fartura e estou rico, desde que recebi de Epafrodito a vossa oferta: perfume suave, sacrifício aceito e agradável a Deus. O meu Deus satisfará magnificamente todas as vossas necessidades, segundo suas riquezas em Cristo Jesus (Fp 4,10-20).

Como somos acostumados a olhar para Paulo como uma espécie de herói da fé cristã, geralmente esquecemos que o autor destas palavras era um judeu piedoso que se tornou, depois de convertido, o propagador do evangelho aos gentios mais conhecido dos primórdios da história da cristandade. Mas Paulo nunca renegou seu judaísmo, muito pelo contrário. Paulo era um hebreu da diáspora que recebeu uma boa educação grega. Embora Filipenses seja uma carta que possui um teor considerado antijudaizante (Theissen, 2007), isto é, uma carta que não estimulava aos novos cristãos a adotarem práticas de conversão ao judaísmo, Paulo continuava sendo fariseu, possuía um profundo fervor religioso e, em muitos sentidos, era empenhado em preservar e defender as tradições judaicas (Koester, 2010, p. 115).

Nossa primeira tendência é pensar em Paulo como um sujeito firme em suas convicções e inabalável, nada tinha o poder de mudar o seu humor ou abalar sua fé em Deus. Mas se reduzirmos nossas impressões sobre o apóstolo apenas aos aspectos heroicos, esquecemos sua humanidade e vulnerabilidade. Esquecemos que ele está num lugar opressivo, a comida é péssima, as companhias desagradáveis e, para piorar, os motivos que o levaram até ali eram injustos. Tenho dificuldade de imaginar um Paulo bem-humorado e animado numa circunstância destas. Mesmo que Paulo possuísse alguma deficiência cognitiva que impedisse sua percepção da realidade ele não estaria feliz num cenário desses. Na minha melhor imaginação, consigo pensar num Paulo resignado, procurando não reclamar, mas feliz ele não estava, é mais fácil acreditar que estivesse naquele lugar fronteiriço e extremamente vulnerável de ansiedade e depressão, que tantos de nós conhecemos.

O Paulo que escreveu estas palavras é um sujeito encarcerado, limitado, enfraquecido, dividido, malnutrido. Nenhum prisioneiro fica feliz por estar preso. Seu momento é de opressão, impotência, limitação, espera involuntária e abandono. Mas foi nesta hora que a ajuda chegou e ele expressou “tudo posso naquele que me conforta”. Paulo não possuía os conhecimentos de *mindfulness* propagados na atualidade. O que fez Paulo mudar sua disposição interior ao ponto de se expressar de maneira empoderada foi justamente uma notável resiliência, muito típica dos judeus, e isso acontece após a ajuda recebida. E qual é a maior característica da comunidade que auxilia a Paulo na prisão? A agilidade em ser generosa.

### **Combater a miséria: a visão dos filipenses**

Em suas viagens missionárias, quando chegava a um local novo geralmente, Paulo buscava a sinagoga local, procurando encontrar os judeus da região para ali começar a pregar. Não nos esqueçamos que no primeiro século tínhamos o proto-cristianismo, visto pelos demais judeus como uma espécie de

seita nazarena, assim como eram sectários os essênios, os zelotes, os fariseus e os saduceus.

O livro de Atos (16,13) nos informa que quando chegou em Filipos Paulo se dirigiu para fora da cidade. A religião judaica não era aceita nem podia ser praticada na capital então, muito provavelmente, para encontrar os judeus reunidos em sinagoga ele teve que se dirigir para fora da cidade (Foulkes, 1995; Schotroff, 1995; Richter Reimer, 1995). José Comblin (1992) acredita que o espaço da comunidade era um lugar meramente ao ar-livre, à beira do rio, mas os autores e autoras mencionados acreditam que fosse um lugar majoritariamente frequentado por mulheres, presença digna de nota.

Filipos parece ter sido uma igreja fundada com participação de muitas mulheres. Na primeira viagem Paulo se viu envolvido em muitos tumultos, foi apedrejado e expulso das cidades, mas em Filipos ele foi açoitado e preso! Somente depois da prisão em Filipos é que o carcereiro e sua família se tornaram cristãos. Muito provavelmente esta igreja começou com várias mulheres ativas, incluindo Lídia, a conhecida mercadora de púrpura.

Na terceira viagem missionária Paulo não foi ao encontro dos filipenses, ele enviou Timóteo e Erasto (At 19,22). Pelo texto de Fl sabemos que a prisão onde Paulo estava quando escreveu aos filipenses não é a mesma prisão em que ele se encontrava em At 16. Trata-se de um episódio posterior, pois ele menciona que também em Tessalônica, por duas vezes, os filipenses cuidaram dele, mesmo estando relativamente distantes. Aliás, ele elogia o cuidado certo e constante dos membros desta comunidade, talvez a grande presença feminina demarcasse a comunidade com essa característica beneficente. Durante seu aprisionamento, Paulo conta com a iniciativa de uma comunidade que compreende que o apóstolo está numa condição miserável e se mobiliza para combater esta miséria. Mas os filipenses não se tornaram benfeitores casualmente. Eles possivelmente aprenderam isto com o próprio apóstolo

O proto-cristianismo mencionado anteriormente, era uma ramificação do judaísmo integrada pelos seguidores de Jesus e possuía como Bíblia apenas o Primeiro Testamento, mais especificamente, a Torá e estes princípios eram apreciados pelos primeiros cristãos que se confundiam, em grande dimensão, com os judeus da diáspora. Paulo congregou os gentios e judeus juntamente sem modificar o judaísmo nem suas esperanças, mas confirmando-as. As pesquisas que apontavam Paulo como um apóstolo que superou a mensagem da Torá com a mensagem do evangelho estão desatualizadas, pois Paulo, de fato, ensinou às primeiras comunidades cristãs a valorizarem os ensinamentos éticos mais profundos da Torá. O que os primeiros cristãos aprendiam sobre a beneficência é o que consta nos mandamentos da Torá e que orienta a forte atuação beneficente do judaísmo até os dias de hoje (Arbiol, 2018, pp. 107.115-116).

Pesquisadores mais recentes como Klaus Berger, Keith Fullerton Nickle (citados por Arbiol, 2018, pp. 125-128) afirmam que Paulo estimulava os

cristãos gentios a recolherem ofertas, por exemplo, para os judeus pobres em Jerusalém (Rm 15,14-32), como uma forma de incorporá-los a Israel. Desta mentalidade sobre os recursos financeiros extraímos a lógica de que aquilo que as comunidades cristãs aprendiam de Paulo sobre realizar doações em dinheiro e outros recursos era ensinado a partir da lógica beneficente que Paulo aprendeu da tradição judaica. Por isso ele menciona, no seu bilhete de agradecimento, que a oferta dos Filipenses era uma oferta de agradecimento a Deus (Fp. 4,18). Ele não a recebe como sendo oferta para si, mas como uma forma de ligar os filipenses a Deus.

### ***Tikum Olam: reparar o mundo***

Lamentavelmente, quando o cristianismo se tornou religião oficial do Império Romano ele também adotou uma espécie de aversão ao judaísmo. Por mais inacreditável que seja, encontramos centenas de cristãos atuais antipatizados com o judaísmo acusando os judeus de terem matado Jesus. Nestes dias de guerra entre Israel e o Hamas este tipo de argumento aflora com uma frequência assustadora.

Ao diminuir a importância da herança judaica na tradição cristã e perpetuar o estigma dos judeus como “assassinos de Jesus”, os cristãos contribuíram para o crescimento do antissemitismo, a forma de racismo mais antiga da história humana, endossando a morte de judeus (e muçulmanos) durante as Cruzadas, sob a atuação da Inquisição, não protestando ou impedindo os banimentos e pogroms que mantiveram os judeus como errantes em tantas nações do mundo, culminando com a omissão diante do nazismo e do Holocausto, nós deixamos de beber da sabedoria judaica sobre o uso dos recursos e do dinheiro para auxiliar os necessitados e corrigir o mundo.

O rabino Nilton Bonder afirma que quando a civilização ocidental estigmatizou “o problema judeu” como sendo uma doença, acabou caindo numa espécie de armadilha psíquica e ao tentar colocar um fim ao ‘problema-judeu’ acabou eliminando a ‘solução-judeu’. “Os judeus respeitam o dinheiro! Mas não por avareza e, sim, por perceberem nele algo que estabelece nosso sistema de valores e determina a real distância entre o bolso e o coração” (Bonder, 2010, p. 12-13).

No judaísmo há um princípio holístico para o trato da economia e que, de certa forma, é um dos segredos da reconhecida prosperidade do povo judeu. Nilton Bonder menciona um ensinamento talmúdico que diz: que diz que uma pessoa é conhecida em seu caráter pelo trato que dá há três coisas: seu copo (voracidade), seu bolso (dinheiro) e sua ira. Nesta mesma tradição há outro ditado “O mais longo dos caminhos é o que leva do coração ao bolso” e continua: “Não há meios de chegar ao bolso sem uma reflexão sobre a vida e seu sentido. Nossa relação com o bolso revela quem somos e onde estamos neste imenso mercado

de valores que é a realidade” (Bonder, 2010, p. 12). Como o pensamento antisemita rotulou os judeus como avarentos e gananciosos ficamos impedidos de aprender o modo como os judeus respeitam o dinheiro, se dedicam a eliminar a pobreza e combater a miséria porque compreendem que há nele algo que interfere em todo o nosso sistema de valores. Há no dinheiro

implicações sociais, ecológicas e espirituais que decorrem das trocas e da interdependência, reconhecendo no dinheiro um valor simbólico único. Por meio dele podemos radiografar nosso sistema de valorações de forma concreta e inconteste. Somos o que fazemos, somos o modo como reagimos, somos o que acreditamos e nosso dinheiro é extensão de tais escolhas (Bonder, 2010, p. 14).

No judaísmo se compreende que o dinheiro possui um papel espiritual e, justamente pelo poder de estabelecer a forma como nós nos relacionamos com o mundo, o trato com o dinheiro precisa ser revestido de sacralidade, de espiritualidade. Isso longe está de ser uma idolatria ou um culto a mamom.

Um dos rabinos comenta no Talmud: “Aquele que queira viver em santidade, que viva de acordo com as verdadeiras leis do comércio e das finanças” (Bonder, 2010, p. 16). Para os rabinos o espaço de fazer negócios é um espaço tão sagrado quanto o templo, eles não tratam o mercado ou o dinheiro como profanos, ao contrário, são lugares e recursos para realizar trocas justas, alianças (*zuzim*) no sagrado mercado.

No judaísmo o dinheiro possui papel espiritual por ser fruto do trabalho realizado com o fôlego de vida que o Eterno soprou e manteve em nós. Eles entendem que as funções principais do dinheiro são: levar sustento às outras pessoas, diminuir a pobreza, combater a miséria e assim realizar o *tikun olam* que é, reparar as brechas no mundo, assentar o mundo e aumentar o nível de vida no cosmos. Todo indivíduo tem obrigação de fazer com que sua riqueza se expanda pelo mundo ao seu redor melhorando a vida das pessoas e no meio ambiente como um todo. “Como riqueza entende-se o maior nível de organização e transformação possível do ambiente de tal maneira que tudo que é vivo e é importante para o que é vivo exista sem escassez” (Bonder, 2010, p. 24). No Midrash se afirma

Não há nada pior no universo do que a pobreza – é o mais terrível dos sofrimentos. Uma pessoa oprimida pela pobreza é como alguém que tem sobre seus ombros o peso de todos os sofrimentos deste mundo. Se todas as dores e sofrimentos deste mundo fossem colocados num lado de uma balança e a pobreza do outro, esta penderia para o lado da pobreza (Exodus Rabá 31:14)

Desde o Primeiro Testamento, ajudar a diminuir a pobreza e eliminar a condição de miséria é mandamento na Torá (Dt 15,4.7. 9.11; 24,14.15), havendo inclusive a ordenança de que se alguém do povo empobrecesse precisando vender sua terra e seus bens, um judeu mais abastado deveria comprar (sim-

plesmente para tirá-lo da miséria) e no ano do jubileu devolveria a propriedade gratuitamente, sem receber devolução do dinheiro, sendo este, inclusive, o preceito orientador da Lei do Levirato, usada por Rute e Noemi para reivindicar seu direito de ser ajudada pelo parente mais rico (Lv 19,10; 23.22; 25,25.35.39). Frequentemente escuta-se que os judeus são muito unidos e se ajudam, e é verdade. A resiliência construída com os constantes processos de desterramento e migração desenvolveu uma sabedoria financeira muito singular entre os judeus e eles rapidamente se recuperam dos baques históricos que lhes levou tudo.

A cosmovisão judaica entre os cristãos que viviam em Filipos parece ter estado presente no modo como a comunidade ajudou voluntariamente o apóstolo em sua condição miserável na prisão. Eles foram ágeis e generosos, aprenderam com o sistema judaico provavelmente ensinado pelo próprio apóstolo. E tal ajuda também foi recebida pelo apóstolo com o modo judaico de receber ajuda: com contentamento, sem ser simplório e fazendo amplo uso da ajuda recebida.

Na filosofia ecológica cabalística do *tikun olam* encontra-se a noção de que a riqueza se concretiza de várias formas e em quatro níveis (quatro mundos) sutis. O mundo físico ou material (*assíá*), o mundo das emanções ou afetivo-relacional (*ietsirá*), o mundo cognitivo ou intelectual (*briá*) e o mundo espiritual (*atsilut*), como também a pobreza se materializa quando, por meio de nossas ações, produzimos antirriquezas nestes mesmos mundos. Os rabinos afirmam que produzimos antirriquezas quando nossas ações não apenas roubam ou saqueiam alguém de recursos materiais, mas muitas vezes roubam tempo, expectativa, informação, prestígio ou mesmo quando nos omitimos e induzimos pessoas para serem prejudicadas.

*Tsedaká* (da raiz tsadik = justo) é uma expressão que geraria um neologismo na língua portuguesa: justicar. Para o judaísmo, justicar é um princípio econômico e terapêutico.

Esta talvez seja uma das diferenças profundas entre a simbologia judaica e a cristã. Quando o cristianismo eleva o amor à categoria mais importante para o estabelecimento de uma era messiânica, o judaísmo toma a “justiça” como sendo este elemento. Ao se amar o próximo, realiza-se o que no judaísmo se dá pela percepção do que é justo... A corresponsabilidade por tudo e todos obriga que nosso cotidiano seja permeado de acertos de justiça (acertos justos), *tsedaká*. No entanto, da mesma forma que o amor não é só carinho, mas é acima de tudo conhecer as necessidades do outro, a *tsedaká* não é apenas agir com justiça, mas a doação, em todos os níveis, de indivíduos para indivíduos, espécies e meio ambiente (Bonder, 2010, p. 79)

Na visão judaica, a *tsedaká* é uma gerenciadora inteligente do sagrado mercado, ela impede que haja esbanjamento e desperdício pois “se a riqueza não buscar amenizar a pobreza, ela por definição, se empobrece”. Quando a *tsedaká* é ignorada ocorrem empobrecimentos das riquezas em níveis diretos e outros mais sutis. Praticar *tsedaká* é uma forma de aumentar o nível de vida no

cosmos quando escolhermos reter menos para fazer o dinheiro circular diminuindo a pobreza do outro.

### **Recebendo ajuda e permitindo *tikun olam*.**

Quando Paulo, na prisão declara: “aprendi a contentar-me em qualquer situação. Sei passar privações e sei viver em abundância. Estou acostumado a tudo: ter fartura, como sofrer fome, ter de sobra e passar penúria. Tudo posso naquele que me conforta” (Fp. 4,13) há muito dos ensinamentos rabínicos sobre a posse e a perda de bens. Os rabinos ensinam que todos nós atravessamos ciclos de altos e baixos, uma hora a vida está bem, noutra momento a vida vai mal, como numa roda, que eles chamam de roda da vida, ora estamos no topo, ora estamos no fundo, nunca se está perenemente no topo. É exatamente isso que Paulo nos transmite. Estar contente em qualquer situação é enfrentar os momentos da parte baixa da roda da vida com contentamento, sem reclamar, sem se colocar no lugar de vítima do sistema, mas trabalhar para que na hora que a roda da vida nos colocar no topo, tenhamos a disposição de dividir, porque uma vez “fomos escravos no Egito” e estivemos na parte rasa da roda.

O contentamento do apóstolo não é simplório, ele admite que estava passando necessidade, que precisava de ajuda (estava na parte baixa da roda) e que, quando recebeu a manifestação do afeto dos filipenses, se alegrou de verdade. É o ensinamento judaico de saber receber ajuda material quando se está na penúria, reconhecer que precisa de ajuda. E por incrível que seja, receber ajuda não é algo fácil para muitas pessoas.

Quando recebeu a ajuda da comunidade, Paulo a tributou a Deus. Recebeu e se alegrou com a ajuda. Ele agradece e abençoa para que os abençoadores recebam o dobro. Isso também é uma prática judaica até os dias de hoje, abençoar de volta a quem nos abençoa: “não é que eu procure dádivas. Procuo o fruto que enriqueça a vossa conta. Recebi tudo, vivo na fartura e estou rico, desde que recebi de Epafrodito a vossa oferta: perfume suave, sacrifício aceito e agradável a Deus. O meu Deus satisfará magnificamente todas as vossas necessidades, segundo suas riquezas em Cristo Jesus” (Fp 4, 10-20).

O pensamento judaico de gerar riquezas nos quatro mundos, material, relacional, cognitivo e espiritual está totalmente presente nesta afirmação. Quando fala do “fruto que enriquece a conta” Paulo tem em mente o ensinamento rabínico sobre o sagrado mercado das trocas. Ele quer e ora para que Deus satisfaça as necessidades dos filipenses conforme as riquezas que se constroem nas esferas transcendentais e sutis, por isso fala de riquezas em Cristo Jesus, o filho do Deus Altíssimo que governa todo o universo.

## Conclusão

Podemos concordar com o pensamento rabínico de que pobreza e miséria são das maiores tragédias que acontecem na humanidade. Problemas sérios como os que vivemos no Brasil neste verão, quando o volume das chuvas se elevou, as inundações se multiplicaram atingindo os bairros de periferia e desabrigando principalmente os residentes das comunidades marginalizadas em várias partes do país, evidenciam o racismo ambiental, que segundo definição do Fundo Brasil, é “uma forma de discriminação ambiental que acontece quando as políticas ambientais e os projetos de desenvolvimento são implementados de forma a prejudicar deliberadamente as populações mais vulneráveis”. Enchentes e deslizamentos causados por negligência governamental quanto ao saneamento básico das áreas habitadas por populações de baixa renda é negligência ambiental com refinamento étnico-racial.

Como teólogos ancorados numa perspectiva libertária, fomos ensinados a sentir desconforto com o termo “mercado” porque nossos vieses socialistas e marxistas só nos fazem enxergar o mercado de maneira demonizada, como uma fonte de corrupção, ganância produção de miséria. Isso acontece no mercado, sim. Mas acontecem outras coisas também. Se olharmos o “mercado” com a perspectiva rabínica entenderemos que o mercado é este lugar onde ocorrem as trocas sagradas de recursos materiais, cognitivos, emocionais e espirituais, onde “um não perde, mas alguém se beneficia” (Bonder, 2010) então nossa atitude para com o mercado precisa ser diferente.

Ao invés de demonizar o mercado, precisamos sacralizar o mercado, tornando-o um lugar onde é possível realizar trocas sagradas, significativas, onde operamos o combate da pobreza e eliminação da miséria, onde geramos oportunidades de sustento para outras pessoas, e para que isso seja possível, é preciso aprender a produzir riquezas com uma ótica espiritual e parar de tratar o dinheiro como algo sujo e imundo.

Embora Karl Marx não fosse um judeu religioso, ele teve a mesma formação judaica que o apóstolo Paulo em suas bases. E mesmo que eu não tenha uma bagagem substancial em pesquisas marxistas para afirmar o que vou dizer agora, entendo que não estou tão longe da realidade quando suponho que a crítica ao mercado feita por Marx perpassa os mesmos temas criticados pelos rabinos quando afirmaram que “de três maneiras se conhece um homem: por seu COPO (kossó), por seu BOLSO (kissó) e por sua IRA (ve-kaassó)” (Bonder, 2010, p. 11).

Se aprendermos com a sabedoria judaica que é possível gerar antirriquezas ou produzir miséria quando nos calamos diante das *fake news* ou aderimos a apenas um lado delas sem considerar o outro lado com equidade estamos amplificando uma rede peçonhenta de informações que gera antirriquezas e diminui o nível de vida no cosmos porque rouba informação, tempo, reputação de muitas pessoas, poderes e nações.

O apóstolo Paulo estava na prisão, recebeu ajuda em recursos materiais, emocionais e afetivos, cognitivos e intelectuais e espirituais. Essa ajuda foi oferecida como ato de *tsedaká* de uma comunidade que entendia a importância da ajuda generosa para a pessoa que está em situação de pobreza e miséria, independentemente de sua origem, por uma comunidade que entendia seu papel no *tikun olam*. Que Deus nos livre de aumentarmos as brechas no mundo ao invés de corrigi-lo, ao invés de abençoarmos todas as famílias da terra. Que possamos aprender, com os filipenses, a diminuir a pobreza, combater a miséria, corrigir o mundo e aumentar o nível de vida no cosmos.

## Referências

- Arbiol, C.G. (2018). *La novedad de Pablo en el judaísmo de su tiempo: un debate que no acaba*. Em: DE FIGUEIREDO Telmo José Amaral; CATE-NASSI, Fabrizio Zandonadi (organizadores). Paulo: contextos e leituras. São Paulo: Paulinas; Abib.
- Bonder, N. (2010). *A cabala do dinheiro*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Comblin, J. (1992). *Epístola aos Filipenses*. 2a. ed. Série: Comentário Bíblico. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal.
- Culmann, O, (2008). *A formação do Novo Testamento*. 11ª. Edição Revista São Leopoldo: Sinodal.
- Koester, H. (2005). *Introdução ao Novo Testamento*, volume 2: história e literatura do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus.
- Kummel, W.G, (2004). *Introdução ao Novo Testamento*. 3ª edição. São Paulo: Paulus.
- Richter Reimer, I. (1995). *Vida de mulheres na sociedade e na Igreja*. São Paulo: Paulinas, pp. 70-73
- Theissen, G. (2007). *O Novo Testamento*. Petrópolis: Vozes.